

PARTITURA DE VERSOS EM FUGA

Verônica Filíppovna

MACHADO, Pedro Paulo. *Brilha a escuridão dos teus olhos*. Rio de Janeiro: Alpheratz, 2020.

“SUA ALMA BRILHAVA de seus olhos, escorria pelos seus lábios, corria nas veias e saía pelos seus poros. Mas conhecer a minha alma era penoso trabalho de arqueologia, tendo que retirar tanta terra e poeira de tantos anos de negligência e covarde resignação”. (p. 118) Essas são palavras de um jovem professor de literatura, negro, desempregado e protagonista de *Brilha a escuridão dos teus olhos*, romance de estreia de Pedro Paulo Machado, publicado em 2020 pela editora Alpheratz. Amante da Música e residente do morro do Castelo, o personagem transita pelas ruas e avenidas do centro de um Rio de Janeiro abastado de pretéritos reavivados e inventados. Há algum tempo ele contava “a história de Emanuel para homens de razão e de fé, mas ela não se conformava aos limites da sua razão ou da sua fé, então muitos a ignoraram e zombaram”, marcando-o “com o anátema da mentira e da loucura”. (p. 153-154) Estava decidido a não dizer mais nada sobre o amigo, mas bastou ouvir

uma audição da “Criação” de Joseph Haynd no Theatro Municipal que recordações assentes de um mundo outrora vivido tornaram a fulgurar.

Rico em imagens plurissignificativas, com uma linguagem fluida, ritmada e convidativa, o romance erige lugares mágicos, lugares históricos reconfigurados, que ganham densidade, dimensão, peso e luminosidade através da imaginação de Pedro Paulo Machado. Diálogos atravessados pela alteridade compõem paisagens sonoro-plásticas e passam a impressão de que o livro fora escrito em um só fôlego. E chegam a nossos ouvidos como cantiga vinda de um tempo mítico, um tempo em que a vida e a arte sutilmente se entretecem.

O romance está dividido em três partes – “Nascimento”, “Morte” e “Transmutação” –, que se subdividem em sete movimentos, formando uma grande ária polifônica na qual as fronteiras entre a Vida e a Morte são demolidas. Uma leitura atenta do livro coloca, de modo poético, a angustiante questão de que a cada instante nascemos, a cada instante morremos, a cada instante opera-se em nós, na realidade, nas coisas, a transmutação da Vida na Morte e da Morte na Vida. A abordagem dessa nossa condição não é conduzida com tom pesado e/ou pessimista; sequer procura elaborar um compêndio, pelo contrário, conciliando criação e pensamento, Pedro Paulo Machado inclina-se sobre a tensão Vida-Morte e oferece ao leitor – através da trama da linguagem – uma possível ideia sobre o sentido do humano.

O enlace entre Poesia, Música e Pensamento que, em meio às peripécias da linguagem, rege os passos e compassos da narrativa, traz à tona questões primeiras e derradeiras da existência. Problemas de natureza social, política, ética e cultural são levantados de modo simples, porém denso. Através da ficção questões emblemáticas da filosofia são colocadas – sem ganas de elaborar um conceito abstrato e, sobretudo, universal.

A obra discorre, também, acerca dos difíceis e misteriosos caminhos pelos quais um professor negro e desempregado – “que, à vista de todos, tudo lhe faltava, mas nada a ele faltava” (p. 23) – e seus amigos, todos professores e estudantes do curso de Letras, percorrem para encontrar não explicações acerca da brutalidade do mundo e dos indivíduos, mas tão-somente para buscar a essência de si mesmos. Entre histórias de amor, amizade, lealdade e admiração, o grupo (que nunca consegue se reunir por completo) experiencia encontros musicais, filosóficos e poéticos. Assim, novos caminhos para a existência são descobertos. Ao que parece, ser capaz de colocar a alma em tudo que se toca e compreender que “o rio não é fixo, é passageiro” (p. 130), em seu contínuo movimento, coloca-se como uma possível leitura e interpretação do romance.

Brilha a escuridão dos teus olhos desperta o interesse logo nas primeiras páginas e conduz a nós, leitores, por reminiscências, sonoridades, afetos, encontros, desencontros, partidas súbitas. Com destreza o enredo movimenta nossa imaginação à medida que

estabelecemos uma ligação íntima com as personagens, as palavras e a trama narrada. O Festival de Música do Castelo, a Floresta Escura, a Ordem Musical Sebastiana, a Casta Diva com seus “bustos de bronze, em tamanho natural” (p. 27) de compositores da música clássica, as escadas do Theatro Municipal, dentre outros lugares, desenham paisagens convidativas a um modo de viver sem amarras, livre – de escravidão e preconceitos –, isto é, revelam um modo de existência singular, pois

a vida é entrelaçamento infinito de contos, não tem história simples como linha reta, e é o que não contam que os entrelaça. Embolados um no outro que nem namorados, os contos podem aparecer com muitas roupas diferentes, a ponto de até mesmo parecerem contrários, mas é preciso ouvido nu para ouvi-los também nus, assim como se originaram do silêncio, que os une (p. 47).

Escritor e poeta astuto, Pedro Paulo Machado volta-se à “nascente da maior grandeza num tempo de misérias” (p. 67) e constrói mundos e imagens permeados de musicalidade e poesia. Diferentes fontes, como por exemplo Camões, Dante, Cruz e Souza, Goethe, Bach, Schubert, Vivaldi, Noémia de Sousa, a África, o samba dos morros carioca, saberes ancestrais e outras vozes que, em uma orquestração de sentidos, entre o próximo e o distante, atravessam sua escrita e alimentam sua imaginação poética. Essas

vozes ressoam de modo natural ao longo do romance, formando arpejos e acordes distintos. Sem perder a sensibilidade, “leve e sereno [...] para além de todos os horizontes, para além de todas as visões” (p. 82), é delineada uma obra na qual a autenticidade da criação se harmoniza na do pensamento.

Em meio a uma época marcada pela epidemia do novo coronavírus, negacionismo, instabilidade econômica, intolerância, preconceitos, ausência de compaixão pela dor alheia, miséria e xenofobismo, *Brilha a escuridão dos teus olhos* desvela a alma das coisas na sua simplicidade à medida que nos convida a acompanhar os passos e os compassos de um “ouvidor da Música elevada, ouvidor solitário e desempregado” (p. 23) e, sobretudo, a perscrutar um caminho em que a leveza, a escuta do outro e o amor constituem os pilares fundamentais da nossa condição. Apesar de ser uma obra em prosa, a poesia, com sua voz de espanto, transborda possíveis vivências, belezas e vilezas do humano, destinos.

Quando terminamos a leitura, o livro permanece ecoando como pulsos fortes em nossos pensamentos. Desnudamo-nos para um mundo isento de preconceitos, onde a amizade, os sentimentos, a alegria e os sonhos apontam outra direção. Quietude e clareza dentro de nós. *Brilha a escuridão dos nossos, dos teus olhos*.

VERÔNICA FILÍPOVNA

Doutora em Teoria Literária pela UFRJ, tradutora, ensaísta e russófila. Para a revista *Desenredos* já colaborou com traduções de Marina Tsvetáeva, Ossip Mandelstam, Nadejda Teffi, Serguei Iessênin, dentre outros. Traduziu do russo o livro *Aos meus versos, escritos tão cedo... chegará a sua hora*, de Marina Tsvetáeva (Pontoedita, 2022).